

O mundo não está preparado para a próxima pandemia - Resumo por Amanda Rossi

O mundo não está preparado para a próxima pandemia

Em um planeta hiperconectado e repleto de doenças hiper infecciosas, especialistas alertam que não estamos preparados para manter os Estados Unidos - e o mundo - a salvo da próxima pandemia.

Publicado em 4 de maio de 2017

O número de epidemias perigosas está aumentando ao redor do mundo, passando pela ebola no Oeste da África, a Zika na América do Sul e a MERS no Oriente Médio. Nos últimos 60 anos, o número de novas doenças por década aumentou cerca de quatro vezes. Desde 1980, o número de epidemias por ano mais que triplicou.

O temor da vez [em 2017, quando o texto foi escrito] é a gripe aviária H7N9. O vírus afeta criações de frango, mas está migrando dos animais para seres humanos. As taxas de letalidade são altas. Porém, o vírus ainda não é transmitido diretamente de pessoa a pessoa, apenas a partir da ave infectada, o que limita sua propagação. Segundo o Centro de Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), o H7N9 é a cepa de gripe com o maior potencial de provocar uma pandemia [em 2017].

O perigo que o mundo enfrenta por patógenos como o H7N9 - e muitos outros - não é ficção científica. Pelo contrário, é um pesadelo muito plausível. Apesar dos avanços da ciência, a humanidade está mais vulnerável hoje do que há 100 anos. A população mundial é muito maior e a densidade das cidades também é mais alta, o que facilita a propagação de doenças. Além disso, o mundo é muito mais conectado. Em 2016, foram feitas cerca de 4 bilhões de viagens aéreas no mundo.

Além da perda de vidas, uma pandemia gera graves consequências econômicas. A SARS, que matou cerca de 800 pessoas em 2003, gerou perdas de US\$ 54 bilhões. O Banco Mundial estima que uma pandemia de gripe severa poderia provocar um prejuízo de US\$ 4 trilhões.

Praticamente todas as doenças infecciosas se originaram em animais. O mesmo vai ocorrer com as doenças do futuro. O HIV começou em chimpanzés, a SARS em morcegos chineses, a influenza em aves aquáticas. Em algum momento, os patógenos rompem a barreira da espécie que afetam originalmente e passam a infectar pessoas. As mudanças ambientais provocadas pela humanidade aceleraram esse processo.

Alguns projetos científicos estão tentando evitar o surgimento de novas pandemias. Lançado em 2009, o programa PREDICT já ajudou a descobrir cerca de mil novos vírus em animais e humanos. Já o Global Virome Project tem um plano ambicioso de identificar e sequenciar em

torno de meio milhão de vírus que afetam animais, com potencial de passar para seres humanos. O custo previsto é salgado: US\$ 3,4 bilhões.

Apesar de todos os avanços da ciência, a verdade é que o mundo não está preparado para conter uma grande pandemia por uma doença infecciosa. Um dos principais motivos é falta de investimentos preventivos. A questão é se a política - e o investimento público - podem se aliar à ciência para tornar o mundo mais seguro.

Para desenvolver uma vacina, são necessários anos de testagem e mais de US\$ 1 bilhão. Por isso, empresas farmacêuticas têm se esquivado dessa tarefa. Para enfrentar essa lacuna, foi criada a CEPI (sigla em inglês para Coalizão por Inovações na Preparação Contra Epidemias), com financiamento da Fundação Bill & Melinda Gates e outras organizações, cujo objetivo é desenvolver vacinas contra ameaças já conhecidas e apoiar pesquisas sobre novas formas de desenvolver vacinas.

O sistema de saúde americano não está preparado para enfrentar uma pandemia de grande porte. Até mesmo os melhores hospitais podem ficar sem leitos e respiradores mecânicos.

É evidente que o governo dos Estados Unidos não transformou o combate a pandemias em uma prioridade nacional. Pelo contrário, o dinheiro só é investido nessa área depois que a crise já começou. Além disso, as declarações tresloucadas de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, no Twitter podem ser perigosas durante uma pandemia - um momento em que é fundamental que o público confie no governo.